

ESCOLA COMO ESPAÇO DO ACONTECER SOLIDÁRIO: REFLEXÕES SOBRE O LUGAR

SCHOOL AS SPACE FOR SOLIDARY HAPPENING: REFLECTIONS ON PLACE

Denis Ricardo Carloto

Universidade Federal do Tocantins (UFT)
denis@mail.uft.edu

Helder Gomes Costa

Universidade Federal do Tocantins (UFT)
heldergc1@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a escola como espaço do acontecer solidário. Para isso, foram realizadas reflexões sobre a categoria Lugar, a partir do referencial teórico da Geografia Nova de Milton Santos. Durante a pesquisa foram realizadas reflexões sobre o papel social da escola pública, sobre o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), e por fim, a aproximação da escola como lugar. Foram realizadas 16 entrevistas com estudantes que participaram das atividades do PIBID no Colégio Estadual Dr. Pedro Ludovico Teixeira, localizado na cidade de Porto Nacional/TO. Este trabalho possibilitou pensar a escola em uma perspectiva geográfica, resultando em reflexões sobre as transformações do mundo, da sociedade e conseqüentemente da escola. É possível pensar em uma escola que reflita além dos seus muros. Nesse trabalho defende-se uma escola mais humana, solidária e coletiva, capaz de transformar o futuro da nação, combatendo as desigualdades socioespaciais e respeitando as diferenças.

Palavras-chaves: Ensino. Geografia. PIBID. Solidariedades.

Abstract: This paper aims to reflect on the school as a space of solidarity happening. For this, reflections were made about the Place category, from the theoretical framework of New Geography of Milton Santos. During the research, reflections were made about the social role of the public school, about the Institutional Program for Teaching Initiation Scholarships (PIBID), and finally, the approach of the school as a place. Sixteen interviews were conducted with students who participated in PIBID activities at the Dr. Pedro Ludovico Teixeira State College, located in the city of Porto Nacional / TO. This work enabled the school to think in a geographic perspective, resulting in reflections on the changes of the world, society and consequently the school. It is believed possible to think of a school that reflects beyond its walls. This work defends a more humane, solidary and collective school that is capable of transforming the future of the nation, combating socio-spatial inequalities and respecting differences.

Keywords: Teaching. Geography. GDPID. Solidarities.

INTRODUÇÃO

A proposta desse trabalho se torna bastante desafiadora, uma vez que, aborda a escola em uma perspectiva geográfica, na tentativa de aproximá-la do conceito de espaço do acontecer solidário, ou seja, Lugar, na concepção de Santos (2006). A pesquisa nasce de inquietações sobre a escola e procura realizar reflexões sobre o papel social da escola pública, a relação da categoria geográfica Lugar com o sentido da escola, e, a contribuição do PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência na formação inicial docente.

O presente trabalho está vinculado ao Laboratório de Pesquisa em Geografia Política e Usos do Território Brasileiro – LABUTO, do curso de Geografia Licenciatura da Universidade Federal do Tocantins – UFT, *campus* Porto Nacional. A Escola escolhida para realização deste estudo foi o Colégio Estadual Dr. Pedro Ludovico Teixeira, localizado no bairro Novo Planalto, município de Porto Nacional - TO onde, nos últimos três anos, foram desenvolvidas atividades do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), subprojeto Geografia. Para essa discussão, a contextualização ocorre por meio de uma abordagem teórica de autores que versam sobre a Escola, Lugar e PIBID sendo alguns deles Alarcão (2001), Libâneo (2012), Nóvoa (2007), Tuan (2013), Santos (2008) e Souza (2008).

Para Santos (2006), o Lugar é o espaço do acontecer solidário, em que as pessoas buscam os mesmos ideais, onde, fortalece a coletividade, sobretudo a relação direta do Lugar com o mundo.

O Lugar também é muito debatido a partir de Tuan (2013), que recorre a psicologia em suas obras para descrever sobre à categoria Lugar. As ideias propostas por Tuan (2013) caracteriza o Lugar no sentido de significado, experiência, sentimento, pertencimento e afetividade.

Por outro lado, Santos ao refletir sobre o Lugar, destaca que “cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais” Santos (2006, p.314). Dessa maneira, pensar o Lugar é pensar algo concreto, singular, peculiar e específico de um grupo de pessoas, pois o Lugar é existência.

Essa reflexão nos remete a pensar que a escola sem pessoas é somente uma estrutura física, prédio ou apenas um imóvel, sem vida e sem função. Alarcão (2001, p. 18) ainda afirma que a “escola tem a função de preparar cidadãos, mas não pode ser pensada apenas

como tempo de preparação para a vida. Ela é a própria vida, um local de vivência da cidadania”.

A tentativa de aproximar a escola e Lugar contribui para defendê-la não apenas como uma simples localização geográfica. Uma vez que, a partir da compreensão, de reconhecer e de defender a escola como espaço do acontecer solidário, possibilita a consolidação da coletividade e sua relação com o mundo na busca dos mesmos ideais, sobretudo na formação cidadã dos sujeitos sociais envolvidos. Pensar o Lugar como espaço do acontecer solidário, surge, da insatisfação de pensar o Lugar apenas pelos laços de afetividade. Ao defender esse princípio, busca-se refletir sobre a potencialidade da escola, pois, entende-se que a escola é o Lugar de referência das relações sociais, principalmente para os jovens, que têm a oportunidade de conviver com a diversidade e a diferença. Entende-se que é na escola que os jovens efetivam o processo de formação cidadã, na qual se destaca a coletividade, avança para a criticidade e desenvolve a criatividade.

Em relação ao PIBID vale destacar a integração dos sujeitos (licenciandos, professora da IES, supervisora da unidade escolar e alunos da Educação Básica) que auxiliaram o subprojeto Geografia para firmar a constituição do elo entre a universidade e a escola. Para que esse pacto entre a escola com a universidade acontecesse foram necessários a integração de vários sujeitos de diversas formações e funções sociais.

Na atualidade a escola se torna um Lugar de constante mudança, reflexo do mundo. A escola por sua vez traz consigo além da intencionalidade do currículo utilizado, também se destaca a existência e a resistência dos sujeitos para a constituição da mesma. O Lugar é o espaço do acontecer solidário (SANTOS, 2008b), desta maneira, o Lugar, vai além do localizável.

A solidariedade entre os sujeitos modifica a escola e nesta perspectiva, o PIBID pode ser compreendido como uma solidariedade, visto que é uma novidade, uma inovação e uma alteração nas relações. Essa solidariedade acontece essencialmente na escola, pois é lá que o programa se constitui.

Nesse sentido, esse trabalho teve como objetivo refletir sobre a escola como espaço do acontecer solidário, bem como analisar as solidariedades na constituição do PIBID, debater sobre a categoria Lugar e refletir sobre o papel da escola pública na transformação social. Para desenvolver os objetivos propostos, foi realizado levantamento bibliográfico de livros, artigos, de dissertações e teses para a fundamentar a reflexão teórica, e também foi realizado entrevistas com os sujeitos da escola que participaram do PIBID.

No total foram realizadas 16 entrevistas com alunos do ensino fundamental e ensino médio, participantes do PIBID. Os alunos participantes das entrevistas foram selecionados de acordo com interesse dos mesmos. O questionário apresentava 6 perguntas abertas, uma especificamente sobre o PIBID e as outras 5 sobre a escola.

As inquietações de pensar a escola como espaço do acontecer solidário surgiram a partir do contato com a escola durante a participação no PIBID, Estágios e Residência Pedagógica. A partir do contato com a escola, das atividades realizadas surgiram algumas dúvidas que promoveram a problemática a presente pesquisa, foram elas: Qual o papel social da escola? É possível pensar a escola como Lugar enquanto espaço do acontecer solidário? De que forma é possível realizar essa aproximação da escola com o espaço do acontecer solidário?

REFLEXÕES SOBRE A CATEGORIA LUGAR

A categoria Lugar será apresentada a partir do pensamento de Santos (1997) e Tuan (2013). O debate por estes autores se faz necessário uma vez que o Lugar é principalmente utilizado baseado em Tuan (2013) no qual a afetividade é primaz, enquanto, Santos (1997; 2005; 2008) destaca o Lugar como solidariedade bem como a constante relação com o mundo, mundo e Lugar coexistem.

Nessa perspectiva, destaca-se o território usado como sinônimo de espaço banal, o território de todas as pessoas, de todas as empresas e de todas as instituições. Território de todos e todas. Assim “o território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado”. (SANTOS, 2007, p.16). Assim sendo, é a compreensão do território usado na tentativa de combater as desigualdades, pois o mesmo é principalmente, de todas as pessoas, não importa sua força, raça, crença, cultura ou classe social. Nesse sentido o território usado une as pessoas.

No entanto o uso do território é feito nos lugares. Assim como afirma Carloto (2014, p.197) “uso do território se faz no processo de constituição dos lugares”. Ou seja, em cada Lugar há uma especificidade e há uma ligação entre o mundo e o Lugar, sendo necessário compreendê-lo como reflexo do mundo e o mundo é reflexo do Lugar. “Os lugares são, pois, o mundo, que eles reproduzem de modos específicos, individuais, diversos. Eles são singulares, mas são também globais, manifestações da totalidade-mundo, da qual são formas particulares” (SANTOS, 2005, p.112).

Ao refletir sobre a categoria Lugar no atual período técnico-científico-informacional, se faz necessário compreender a dinâmica e a relação dialética entre mundo e os lugares. O Lugar é a existência, a arena, as pessoas e a resistência. Aqui, entendido como espaço do acontecer solidário (SANTOS, 2008).

Compreende-se que é a partir do Lugar, o espaço do acontecer solidário, que os estudantes da educação básica poderão encontrar respostas referente as inquietações do mundo contemporâneo. O mundo revela suas contradições nos lugares, que por sua vez possuem suas especificidades, pois, convergem interesses internos e externos que interferem no dia-a-dia dos sujeitos, conforme aponta Straforini (2001).

Para Souza e Silva (2011, p.90) “O lugar é, assim, unidade da diversidade, na medida em que recebe intensamente determinações externas, mas também impõe uma dinâmica interna”. Nesse sentido, caracteriza-se uma perspectiva dialética entre o mundo e o lugar, exógeno e endógeno, moderno e antigo, tecnológico e rudimentar, local e global. Nessa acepção, Souza (2008, p.45) afirma que

Os lugares se formam pelas ações sociais, humanas. Elas surgem e desaparecem. Esses são os lugares geográficos. Não há lugar sem as pessoas, sem o ser humano, sem relações sociais. O que permanece é uma materialidade que pode suportar novas solidariedades, novas ações, constituindo novos lugares. Os lugares, portanto, são aparatos de base das funcionalizações que as relações sociais vão sempre exigindo pelo uso do território. (SOUZA, 2008, p. 45)

Desse ponto de vista, os lugares são constituídos de ações humanas. Isso só é possível com a existência de pessoas e de solidariedades, somente daí podemos defender o Lugar como espaço do acontecer solidário. Esses lugares são singulares, mesmo que também sejam globais. Portanto, os diferentes usos do território que constituem diferentes lugares.

Por outro lado, Tuan apresenta outras características com a finalidade de definir o lugar. Vale ressaltar que nessa concepção, tempo e Lugar se tornam pares dialéticos. Para Tuan (2013) o espaço se transforma em Lugar quando ganha significado. Nesse ponto de vista os lugares são intimamente singulares. O Lugar é constituído de relações humanas, sobretudo relações onde as pessoas possuem laço afetivo já formado (TUAN, 2013).

O Lugar também pode ser definido pelas relações entre pessoa e objeto, a partir do convívio e experiência já adquirida. Além disso os acontecimentos também podem criar um sentimento pelo lugar, sobretudo acontecimentos de grande impacto pessoal. Tuan (2013) apresenta dois exemplos de lugares: primeiro indica a casa como lar e lugar, e em segundo, a cidade natal como um Lugar íntimo. Para ele a cidade é um centro de significado e

importância, assim como a casa, por isso Tuan defende a cidade como um lugar, especialmente porque essa forma possui uma diversidade de símbolos visíveis.

Tuan afirma que (2013, p. 219), “o lugar é um mundo de significado organizado. É essencialmente um conceito estático. Se víssemos o mundo como processo, em constante mudança, não seríamos capazes de desenvolver nenhum sentido de lugar”. Nessa perspectiva o Lugar é a pausa, o contato permanente, é a experiência, o convívio, o vivido, as relações pessoais, o significado, a afetividade, o tempo, o conhecimento, o sentido e o sentimento de pertencimento.

Essa reflexão do Lugar a partir da geografia humanista de Tuan (2013) está ligada paulatinamente a experiência do vivido. O Lugar nessa perspectiva exerce uma ligação da Geografia com a Psicologia, valorizando o sentimento, afeto e emoção na tentativa de entender os lugares.

O Lugar a partir do pensamento de Santos está em constante ligação com o mundo. Assim como afirma Santos (1997, p.35) “muda o mundo, e, ao mesmo tempo, mudam os lugares”. Ao transformar do mundo, os lugares também são transformados, mesmo que sua dinâmica seja diferente.

Segundo Santos (1997) a unidade é própria do mundo e a diversidade é própria dos lugares. Mas “hoje certamente mais importante que a consciência do Lugar é a consciência do mundo, obtida através do lugar” (SANTOS, 1997, p.37). Portanto, “o lugar não pode ser visto como passivo, mas como globalmente ativo, e nele a globalização não pode ser vista apenas como fábula” (SANTOS, 1997, p.38).

Os lugares são um conjunto de possibilidades e “no lugar, estamos condenados a conhecer o mundo, pelo que ele já é, mas, também, pelo que ainda não é. O futuro, e não o passado torna-se a nossa âncora” (SANTOS, 1997, p.38). Por isso a importância de se compreender o Lugar para entender o presente e ainda viver e construir o futuro. É importante lembrar que “É no lugar que as relações acontecem, onde os usos se fazem. No lugar se encontra a existência, a solidariedade, a liberdade” (CARLOTTO, 2014, p.200). Nessa perspectiva, procura-se refletir e defender a escola como um Lugar de existência, solidariedade e liberdade, por esta razão, o próximo tópico busca apresentar o papel social da escola para fundamentar a reflexão.

PAPEL SOCIAL DA ESCOLA PÚBLICA

Há uma diversidade de autores que contribuem para pensar as transformações da escola contemporânea. Dentre esses iremos destacar o pensamento de Alarcão (2001) e Nóvoa (2007). Para iniciar as reflexões sobre o papel social da escola, é preciso demarcar que a escola, é compreendida neste artigo enquanto, importante instituição para a formação intelectual e social das pessoas.

No atual período refletir sobre o papel da escola é um desafio ainda maior, uma vez que, essa instituição passa continuamente por mudanças. Mudanças de comportamento dos sujeitos, mudanças de funcionamento impostas pelo Estado, as mais diversas mudanças que transformam o espaço escolar e o torna cada vez mais dinâmico. Assim a escola não é inerte, e está em permanente mudança.

As mudanças não acontecem somente na escola, são reflexos das transformações que ocorrem na sociedade, nas cidades, nos estados, no país e no mundo. Parte dos problemas que as escolas enfrentam na atualidade, segundo Alarcão (2001) é por não conseguir acompanhar as mudanças que estão acontecendo no mundo e nos lugares (ALARCÃO, 2001). E por esta razão estão sendo cada vez mais sucateada pelos governantes e deixando de ser atrativa pelos que a frequentam.

Além desse problema, a escola pública da atualidade vem lidando com contradições, como a excessiva competitividade, individualidade e a falta de solidariedade em um mundo que tanto se globalizou e disponibilizou técnicas para aproximar as pessoas (ALARCÃO, 2001). Ao invés da coletividade aumentar o que observamos é um crescente modo de vida individualista.

Concordamos com Alarcão (2001) ao dizer que é necessária a funcionalização de uma escola singular e plural. Singular, pois, em cada Lugar as pessoas vivem, convivem, existem e coexistem de forma diferente. Semelhante a outras escolas, entretanto, nunca igual.

Uma escola plural lida cotidianamente com a diversidade. Essa diversidade faz com que nenhuma escola seja igual a outra, por natureza ela é singular, pois, cada escola possui diferentes povos, que faz existir diferentes tipos de relações sociais. Mesmo que o conteúdo ensinado seja o mesmo, todavia, o ensino-aprendizado e as relações existentes nunca serão iguais.

Para defender uma escola mais justa e igualitária (no sentido do aprender) é preciso que os indivíduos se tornem protagonistas de suas lutas. Assim como Alarcão (2001, p.23) destaca, e “se aceitamos o fato de que as pessoas são fundamentais na organização da escola, elas têm de protagonizar a ação que nela ocorre. Na escola, todos são atores”. Ou melhor, na

escola, todos são protagonistas, ou pelo menos deveriam ser. Esse ideal de escola só será constituído por meio de lutas de todos os integrantes da sociedade escolar. Alarcão (2001, p. 21) afirma que “cada escola tende a integrar-se e a assumir-se no contexto específico em que se insere, isto é, tende a ter uma dimensão local, a aproximar-se da comunidade”

Alarcão (2001) defende um modelo de escola reflexiva, a escola como um local, um tempo e um contexto. Em sua obra a autora contextualiza sobre a escola como um local, um edifício e também como um lugar. Um Lugar de relações, um Lugar de existência e de coexistência. Um local para exercício da cidadania e da transformação do indivíduo e da sociedade. Assim como

A escola não pode colocar-se na posição de meramente preparar para a cidadania. Nela se tem de viver a cidadania, na compreensão da realidade, no exercício da liberdade e da responsabilidade, na atenção e no interesse pelo outro, no respeito pela diversidade, na correta tomada de decisões, no comprometimento com as condições de desenvolvimento humano, social e ambiental. (ALARCÃO, 2001, p.22)

A autora também destaca a escola como um contexto de trabalho, que leva aos integrantes da sociedade escolar a uma função. Esse contexto para os alunos é um trabalho de aprendizagem das mais diversas situações. Um contexto de trabalho para o professor que desempenha inúmeras tarefas, sobretudo, a arte de ensinar.

A escola também é tempo, tempo que não volta mais, tempo que vai ficar para trás. Esse tempo deve ser aproveitado da melhor maneira possível para que o estudante possa se tornar um cidadão ativo e reflexivo. Diante de uma sociedade que diariamente se transforma. A escola é tempo de aprender, tempo de se relacionar, tempo de pensar, refletir, contestar, perguntar, comparar e ajudar. Todos esses atributos para formar um cidadão autônomo. Não podemos pensar a escola apenas como preparação para a vida, pois, a escola é a própria vida. Essas características de escola podem ser observadas nas entrevistas com os alunos.

As entrevistas foram realizadas com alunos do ensino fundamental anos finais e com alunos do ensino médio. No total foram realizadas 16 entrevistas sendo 8 meninos e 8 meninas, com idades entre 12 e 18 anos. Nas entrevistas, os alunos apresentaram as questões sobre a escola, a primeira delas foi, o motivo no qual eles iriam à escola, as principais respostas foram “para aprender”, “para estudar”, “conhecer novas pessoas”, “em busca de um futuro diferente” e “lanchar”. Esta primeira aproximação com os alunos desmistifica uma visão bastante divulgada de que os alunos não querem aprender. Os alunos durante toda a pesquisa manifestaram de diferentes formas o interesse pela aprendizagem. Na continuação da entrevista, perguntamos se a escola é considerada importante para vida e para o futuro dos

alunos, hegemonicamente responderam que sim, que estão em busca de um “curso superior” e de um “futuro melhor”.

Além desses elementos que apresentamos sobre o seu papel, acrescentamos que a escola se constitui por meio de variáveis que necessitam o diálogo entre os integrantes da mesma. Cada qual desenvolve seu papel na escola, essa função só é verdadeiramente eficaz se existir relações entre os sujeitos.

A escola revela as mais diversas relações, vale ressaltar que as relações não são somente internas a escola. A escola não é somente dos que cotidianamente a frequentam, para tanto, a escola é de todos e todas que constituem a sociedade (PEREIRA; CARLOTO, 2016). Para formação de um cidadão integral é necessário toda essa coletividade e solidariedade. Esse conjunto de fatores constituem uma escola reflexiva.

Segundo Nóvoa (2007) a escola é a própria sociedade, para que essa escola se constitua é necessário refletir sobre as regras de vida em comum, exercitando o diálogo, o respeito, a solidariedade e a coletividade, atributos de uma vida em sociedade. Nóvoa (2007) ainda afirma que a escola deve ser voltada para a aprendizagem, e não para o aluno. E que essa aprendizagem só é possível quando se reconhece a escola como instituição, um Lugar de praticar os direitos e deveres, de buscar sua autonomia e liberdade.

Para Nóvoa (2007) a escola focada na aprendizagem permite que o aluno aprenda a estudar e a trabalhar. Essa aprendizagem proporciona ao aluno relacionar com seu cotidiano fora da escola, dessa forma a aprendizagem se torna mais atrativa e significativa. Com isso, a escola também irá se tornar atrativa. Essa é uma das fragilidades da escola pública atual, ela deixou de ser atrativa.

Libâneo (2012, p.26) afirma que “a escola é uma das mais importantes instâncias de democratização social e de promoção da inclusão social, desde que atenda à sua tarefa básica: a atividade de aprendizagem dos alunos”. Essa educação inclusiva, ou melhor, esse tipo de inclusão social nada mais é que uma metáfora. No atual modo de produção capitalista não existe inclusão social (SOUZA, 2013). A escola é uma importante etapa para formação de cidadãos autônomos.

No atual período o mundo interfere nas políticas nacionais, e a escola não se ausenta dessa lógica do mundo capitalista. As políticas nas escalas globais interferem diretamente nas escolas. Um exemplo atual no Brasil é a proposta da escola sem partido. Essa pauta mundial, se aprovada, pode interferir no funcionamento de qualquer escola pública desse país, esse e outros exemplos podem ser dados para demonstrar as relações do ministério da educação com

o banco mundial e outras instituições internacionais. Essas políticas ao invés de diminuir as desigualdades existentes, tende a aumentar, fazendo com que tenhamos dois tipos de escolas, as escolas para ricos e as escolas para pobres.

Assim como Libâneo (2012, p.20) afirma que “a política do Banco Mundial para as escolas de países pobres assume duas características pedagógicas: atendimento a necessidades mínimas de aprendizagem e espaço de convivência e acolhimento social”. Por isso a importância de se pensar a uma outra escola, capaz de mudar essa lógica existente.

Ao pensar a escola do presente é preciso compreender a totalidade dessa instituição. Ao analisar a escola na perspectiva de totalidade, compreende-se que ela é um espaço do acontecer solidário, ou seja, um Lugar do mundo. Um Lugar de constante mudança e transformação.

Partindo desse pressuposto podemos aproximar a reflexão sobre o papel social da escola e o debate geográfico. Por isso o Lugar de Santos (2008) é tão importante para se pensar a relação da escola com o mundo.

Defendemos uma escola pública reflexiva e focada na aprendizagem, que se torne mais atrativa, e que possa contribuir para a formação dos alunos cidadãos ativos capazes de agir mais coletivamente em busca de uma sociedade mais justa e igualitária.

Em busca dessa escola mais atrativa, durante a entrevista foi perguntado aos alunos o que eles mudariam na escola, para torná-la um lugar melhor, alguns responderam “melhorar a aprendizagem”, “melhorar a estrutura”, “nada”, “melhorar o ensino” e “melhorar a disciplina dos alunos”. Diante dessas respostas, destaca-se, o quanto alguns alunos possuem a consciência dos problemas da instituição e citaram as possibilidades para a escola se tornar melhor. Em relação ao que os alunos mais gostam na escola eles citaram “os amigos”, “os professores”, “o cotidiano escolar”, “das aulas”, “das matérias”, “do ensino”, “do PIBID” e “da comida”. Uma outra pergunta foi sobre o que eles menos gostavam na escola, os alunos responderam “atitude de alguns professores”, “falta de respeito” e a maioria disseram que não gostam da bagunça, apesar de admitirem que fazem bagunça na escola. Um fato curioso foi o destaque de uma entrevistada sobre o PIBID, de como, ela e outros demonstraram gostar desse programa.

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, que vem sendo executado na escola, é um programa que se constitui enquanto elo entre universidade e a escola. Possibilita o exercício da solidariedade entre os sujeitos dessas duas instituições, em

busca do aperfeiçoamento dos futuros professores e, também, proporcionando um ensino-aprendizagem mais atrativo para os estudantes da educação básica.

PIBID NA FORMAÇÃO DOCENTE INICIAL

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID foi criado em 2007 e desde então é vinculado a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, no qual tem como objetivo principal o aprimoramento da formação inicial de professores. Esse programa proporciona o licenciando o contato permanente com a escola, comumente esse contato é antes mesmo de iniciar os estágios.

O primeiro edital do PIBID/CAPES/MEC foi lançado em 2009 pelo governo Lula, se prolongou no governo Dilma. O edital de 2013 seguiu até o final de fevereiro de 2018 já no governo Temer. O PIBID teve seu último edital lançado em agosto de 2018, vale ressaltar que nesse último edital houve algumas alterações de seu funcionamento. Antes os licenciandos de quaisquer períodos poderiam participar, e nesse restringiu-se somente para licenciandos matriculados até o 4º período.

Mesmo o PIBID sendo um projeto frágil, por ter data de início e término, o programa contribui para o fortalecimento da formação docente inicial e o aperfeiçoamento dos professores da rede básica. O PIBID também proporciona a constituição do elo entre a universidade e escola, fazendo com que os elementos e sujeitos se integrem na tentativa de melhorar ensino-aprendizagem da educação básica ao trabalharem com metodologias ativas.

Para entender sua estrutura podemos elencar alguns elementos: Estado, Instituições e as Pessoas. O Estado que elaborou esse tipo de projeto, as instituições que são a universidade e escola que fazem o elo de consolidação das atividades do PIBID, e as pessoas: os licenciandos (bolsistas), a coordenadora de área (professora da IES), e a supervisora escolar (professora da educação básica) e por fim, não menos importantes, os alunos da educação básica.

Essas relações de solidariedade movem cotidianamente esse programa, modificando a escola e a universidade. Essa solidariedade proporciona as relações com os mais diversos sujeitos sociais, que integram tanto a escola, quanto a universidade. Alcançando os objetivos desse programa.

Na pergunta o PIBID ajuda a melhorar a escola, majoritariamente, todos os entrevistados afirmaram que o PIBID contribui de forma significativa para o progresso da

escola. As respostas consistem em demonstrar os motivos que os levaram a acreditar na importância do PIBID, “porque os pibidianos tem um ensino diferenciado”, “as aulas são mais atrativas”, “ajuda nas matérias escolares” e “ajuda na permanência dos alunos na escola, pois, o programa possui atividades extracurriculares”.

Um dos entrevistados relatou que conhece alguns colegas no qual deixaram de ficar na rua e passaram a se esforçar mais na escola por conta das ações do PIBID. Nessa perspectiva, as respostas demonstraram a importância das ações do programa dentro da escola e, ainda o quanto os futuros professores podem contribuir na formação desses alunos. Nessa pergunta foi possível identificar o quanto o PIBID é indispensável, não somente para os licenciandos, mas também, para os alunos da escola.

O PIBID é um programa de nível nacional que busca melhor capacitar o futuro professor da educação básica. Pois a partir das práticas trabalhadas no PIBID faz com que os licenciandos tenham a oportunidade construir sua identidade profissional, para melhor lidar com o cotidiano escolar. Buscando a relação direta da universidade com a escola, que tem o papel de “viabilizar uma forma de democratizar o saber que se produz na escola, tanto pelos educandos, como pelos educadores, bem como aquele que é produzido na academia pelos alunos bolsistas” (BUENO, 2013, p.146).

É com esses e outros elementos que concretiza o programa que atende toda uma conjuntura nacional que fomenta a formação inicial de professores. O PIBID também possui uma potencialidade de integrar o ensino, pesquisa e extensão nas universidades que ele está presente. Sobretudo na formação de um professor pesquisador, que trabalhe de forma criativa e crítica. Assim como afirma Dias (2017, p.184)

Nesse momento, percebe-se a indiscutível necessidade de existir programas institucionais como o PIBID, pois ele também assume a importante responsabilidade de propiciar a formação de um professor pesquisador e conhecedor do ambiente escolar ao promover a articulação entre o ensino superior e a educação básica.

O PIBID é uma das solidariedades existente na escola, dentre outras diversas que lá residem. Essa solidariedade só se concretiza a partir da integração de sujeitos em prol de algo comum a todos. As solidariedades são imprescindíveis para a vida da escola.

APROXIMAÇÕES ENTRE ESCOLA E LUGAR

Alguns geógrafos já trabalharam na perspectiva de aproximar a escola com um conceito ou categoria geográfica. Dentre eles destacam-se os trabalhos de Panutto e Straforini (2014), Marques (2013), Silva (2016), Malanski e Kozel (2015) e Pereira (2013).

A escola como espacialidade foi pensada por Marques (2013), que destacou a importância de pensar a escola num contexto espacial. Esse geógrafo alertou para o perigo de considerar a escola como espaço, por conta das superficialidades de alguns estudos. O autor aborda a escola para além do espaço de socializações, ele considera a escola como um conjunto de práticas espaciais.

Panutto e Straforini (2014), pautaram a escola enquanto espacialidade. E para entender os sujeitos utilizaram o conceito de microterritórios. Os microterritórios existentes dentro das salas de aula, pátio e corredores da escola. Com esse conceito foi possível os autores identificar diferentes grupos dentro da escola. Esse estudo possibilitou a análise do cotidiano e a observação dessas territorialidades que permitiu a comprovação de uma diversidade de grupos e indivíduos.

Malanski e Kozel (2015) considera a escola como espaço a partir do pensamento de geógrafos humanistas. Em sua pesquisa os autores consideraram a representação dos indivíduos que convivem cotidianamente no espaço escolar. Essas representações foram realizadas por meio de mapas mentais coletivos, no intuito de entender os significados atribuídos ao espaço escolar.

Em sua tese, Silva (2016) considerou a escola enquanto espaço geográfico. Amparado pelos autores Harvey e Lefebvre na compreensão do espaço o autor destaca o espaço escolar como socialmente produzido. Vale ressaltar que, o autor destaca que a escola não tem conseguido acompanhar as transformações do mundo e tem ignorado o mundo para além dos muros.

Pereira (2013) têm destacado a importância da relação dialética entre a escola e o mundo. A escola não pode negar as transformações do mundo, “compreender a escola e o lugar é, também compreender o mundo” (PEREIRA, 2013, p.136). A obra dessa autora é a que mais se aproxima com o objetivo deste trabalho. Para que isso se configure defendemos a dialética entre o mundo e Lugar (SANTOS, 2006). Por isso o Lugar a partir do pensamento de Santos (2008) é tão importante para se pensar a relação da escola com o mundo.

A escola é um Lugar da construção política coletiva. É também o Lugar da coexistência, coletividade e da solidariedade. As solidariedades definem a escola com os seus valores sociais de diferentes culturas, pensamentos, classes sociais, dentre outras características formadoras desta instituição.

Pode-se relacionar a escola com o Lugar a partir da reflexão de Carloto (2014, p.196) quando destaca que “é nos lugares que as solidariedades se constituem espacialmente e o

sentimento de pertencimento e de liberdade surgem. Sendo assim, os lugares precisam ser constituídos na política e para a política”.

Pode-se afirmar que a escola é uma instituição de educação que se transforma em um palco e reflete a cidade, o bairro, as pessoas, os lugares. Portanto, se constitui como um Lugar da diversidade.

A busca permanece sendo por “uma escola apta a formar concomitantemente cidadãos integrais e indivíduos fortes” (Santos, 1999, n.p). Não queremos uma escola voltada para o mercado de trabalho, pois se continuar com esse pensamento a “escola deixará de ser o lugar de formação de verdadeiros cidadãos e tornar-se-á um celeiro de deficientes cívicos” (SANTOS, 1999, n.p).

Nossa luta é por uma educação capaz de contribuir na construção de uma globalização mais humana, se a escola continuar contribuindo para uma globalização perversa, ela tende a aumentar mais ainda as desigualdades socioespaciais (SANTOS, 1999).

Por isso a importância de se pensar a escola como espaço do acontecer solidário para construção de um novo mundo, mais humano e solidário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho, entende-se que a escola como Lugar vai mais além de refleti-la apenas pela afetividade, pertencimento e vivência. O espaço do acontecer solidário a partir de Milton Santos nos possibilita pensar a escola como sinônimo de Lugar, destacando a relação dialética com mundo. Ao pensar a escola nessa perspectiva nos permite a compreensão não somente dela, mas também, do mundo, do país e dos lugares, fazendo com que aproximamos as relações existentes entre as sociedades.

Refletir a escola como espaço do acontecer solidário, busca-se compreendê-la junto com as transformações do mundo com o intuito ser mais atrativa para toda a comunidade escolar. Buscamos uma escola mais solidária, humana e coletiva que futuramente consiga combater as desigualdades socioespaciais existentes no mundo e nos lugares.

Defende-se uma educação que nos ajude a viver em sociedade, que forme cidadãos críticos, ativos e capazes de lutar por uma vida melhor para as sucessivas sociedades.

As entrevistas nos possibilitaram apresentar o pensamento dos alunos da educação básica referentes as questões sobre o cotidiano escolar, em especial o PIBID. Ao analisar as respostas pode-se concluir que os alunos compreendem a potencialidade da escola, alguns até

apresentaram os problemas e soluções para melhorar essa instituição de grande importância para vida em sociedade. Porém, todos eles, somente analisaram a escola por ela mesma, nenhum deles apresentou argumentos relacionados ao mundo. As respostas foram mais ligadas a função e forma da escola.

Defende-se uma escola no qual seus sujeitos compreendam a totalidade de sua existência, que construa o futuro no presente. Uma escola que busque a solidariedade, seja pela integração dos sujeitos, como é o caso do PIBID, como por outras políticas coletivas para melhoria dessa instituição. A escola mais solidária, estamos refletindo sobre uma sociedade e um mundo melhor, capaz de construir uma nova globalização, cada vez mais humana.

O intuito não foi sobre tentar padronizar as escolas, e sim, apresentar argumentos que respeitem as singularidades e pluralidades das escolas. Diante disso, conclui-se, que é possível construir uma outra escola, capaz de acompanhar as transformações do mundo, buscando sempre a solidariedade entre os sujeitos.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **A Escola Reflexiva**. In: ALARCÃO, Isabel. (org.). Escola reflexiva e nova racionalidade. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

BUENO, Miriam A. Ações do PIBID para a melhoria do ensino de geografia: reflexões iniciais sobre diferentes estratégias pedagógicas e formação de professores. In: SILVA, Eunice I.; PIRES, Lucineide M. (Orgs). **Desafios da didática de geografia**. Goiânia: ed. da PUC Goiás, 2013.

CARLOTTO, Denis Ricardo. **Por uma federação de lugares** da desigualdade a solidariedade. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2014.

DIAS, Liz Cristiane. A formação de professores e o direito de pensar a educação e os espaços escolares: o caso do Pibid Geografia UFPel. In: ALVES, Adriana O.; KHAOULE, Anna Maria K. (Orgs). **A geografia no cenário das políticas públicas educacionais**. Goiânia: C&A Alfa & Comunicação, 2017.

LIBÂNIO, José Carlos. **O dualismo perverso da escola pública brasileira**: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. Educação e Pesquisa., Mar 2012, vol.38, no.1, p.13-28. <http://www.educacaoepesquisa.fe.usp.br/>

MALANSKI, Lawrence Mayer; KOZEL, Salete. Representação do espaço escolar a partir de mapeamento coletivo: uma abordagem da geografia humanista. **Ateliê Geográfico**, Goiânia-GO, v.9, n.2, p.154-169, ago/2015. <https://www.revistas.ufg.br/atelie>

MARQUES, Roberto. Por uma perspectiva espacial da escola. **Revista Brasileira de Educação Geográfica**, Campinas, v. 3, n. 5, jan./jun. 2013, p. 5-20. <http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo>

NÓVOA, António. **Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo**. Sinpro, SP, 2007. Disponível em: < http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf>. Acesso em: 23 de outubro de 2018.

PANUTTO, S. R.; STRAFORINI, R. Microterritórios em escolas públicas: (entre)discursos de alienação e subversão de jovens escolares. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 4, p. 397-416, 2014. <http://agbcampinas.com.br/bcg/index.php/boletim-campineiro>

PEREIRA, Carolina M. R. B. Tão longe tão perto: os entrelaces da universidade com a escola. In: SILVA, Eunice I.; PIRES, Lucineide M. (Orgs). **Desafios da didática de geografia**. Goiânia: ed. da PUC Goiás, 2013.

PEREIRA, Carolina Machado Rocha Busch; CARLOTTO, Denis Ricardo. Reflexões sobre o papel social da escola. **PESQUISAR. Revista de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia**, v. 3, n. 4, p. 3-11, 2016. <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/pesquisar>

SANTOS, Milton. **O Lugar: Encontrando o Futuro**. Rua Revista de Arquitetura e Urbanismo, BAHIA, v.4, n.1, p. 34-39, 1996. <https://portalseer.ufba.br/index.php/rua>

_____. Os **deficientes cívicos**. In: Folha de São Paulo, Mais! São Paulo, 24/01/1999. Disponível em: <http://geocities.ws/madsonpardo/ms/folha/msf01.html>. Acesso em 22 de outubro de 2018. (Sem Página: s. p.)

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ª ed. São Paulo: Edusp, 2006.

_____. **O Espaço do Cidadão**. 7 ed. São Paulo: Edusp, 2007.

_____. **Da totalidade ao Lugar**. São Paulo: Editora edusp, 2008.

_____. **Técnica, Espaço, Tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. 5 ed. São Paulo: Edusp, 2008b.

SILVA, A. B. **A geografia do espaço escolar: jovem-aluno, práticas espaciais e aprendizagem geográfica**. 2016. 233 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. A metrópole e o futuro: A dinâmica dos lugares e o período popular da história. In: **A metrópole e o futuro: refletindo sobre Campinas**. Campinas: Territorial, 2008.

SOUZA, Maria Adelia Aparecida de. Geografia, Paisagem e a Felicidade. **Geotextos** (Salvador), v. 9, p. 219-232, 2013. <https://portalseer.ufba.br/index.php/geotextos>

SOUZA, Reinaldo; SILVA, Fernando A. da. **(Re)Pensando a Geografia**: História, Objeto, Método e Práxis. Maceió: Uneal, 2011. 180p.

STRAFORINI, R. **Ensinar geografia nas series iniciais**: o desafio da totalidade mundo. Mestrado em Geografia, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, 2001.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

Sobre os autores

Denis Ricardo Carloto

Doutor em Geografia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH da Universidade de São Paulo - USP (2014). Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Paraná - UFPR (2007). Graduação - Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina - UEL (2000). Atualmente é Professor Adjunto do curso de Geografia da Universidade Federal do Tocantins - UFT, campus de Porto Nacional. Coordenador do LABUTO - Laboratório de Pesquisa em Geografia Política e Usos do Território brasileiro. Experiência profissional como Professor de Geografia nos ensinos fundamental, médio e superior da rede pública e privada.

[Endereço para acessar este CV: http://lattes.cnpq.br/6504716926595782](http://lattes.cnpq.br/6504716926595782)

Helder Gomes Costa

Graduado em Geografia - Licenciatura - (2019) pela Universidade Federal do Tocantins, UFT - Porto Nacional. Foi bolsista PIBID/Capes 2016 - 2018; Foi Monitor da disciplina de Geografia Política nos semestres 2016/1 e 2017/2; Foi Residente do programa Residência Pedagógica CAPES. Integrante do LABUTO - Laboratório de Pesquisa em Geografia Política e Usos do Território Brasileiro; Integrante do LEGEO - Laboratório de Pesquisas em Metodologia e Práticas de Ensino de Geografia. Tem experiência na área de Geografia Humana, com ênfase em Geografia Política e Ensino de Geografia. Tem trabalhado, principalmente, com os seguintes temas: Escola, Cidadania, Lugar e Território Usado. Atualmente é professor da rede privada de ensino básico.

[Endereço para acessar este CV: http://lattes.cnpq.br/2270249882096942](http://lattes.cnpq.br/2270249882096942)

**Recebido em setembro de 2019.
Aceito para publicação em dezembro de 2019.**